

Rompimento pode sair amanhã

por Cecília Pires
de Brasília

O grupo "histórico" do PMDB deverá lançar ainda nesta semana — provavelmente na quarta-feira — o manifesto da dissidência do partido, rompendo com o governo e manifestando decisão de lutar pelos quatro anos de mandato para Sarney, criando o bloco partidário que atuará de forma independente dentro da sigla.

No Senado, o manifesto conseguiu 25 assinaturas, entre elas a das principais lideranças do partido, como a dos senadores Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Richa. Na Câmara, já haviam assinado, ontem à tarde, mais de 30 deputados, esse número poderá chegar a 70, como espera o vice-líder do PMDB na Constituinte, deputado Euclides Scalco.

Segundo um dos articuladores do movimento, que pediu o anonimato, há dois tipos de parlamentar que assinaram o manifesto: os que não querem sair do partido, mas acham que, com o rompimento, o PMDB se recupera e os que acham que o partido se perdeu, e, com essa atitude, justificariam sua saída.

Entre os primeiros, estariam políticos como o deputado Juthay Magalhães e o senador Ronan Tito, e, entre os segundos, as principais lideranças, como os senadores José Richa, Fernando Henrique Cardoso, deputados José Serra, Eu-

Mais 3 aliados para Covas

Três membros da executiva do PMDB em São Paulo (o deputado federal Geraldo Alckimin, vice-presidente da comissão; José Maria Monteiro, secretário; e a deputada estadual Guiomar Mano de Melo, vogal) decidiram ontem que não concorrerão à prévia que o diretório paulista do partido realizará no próximo dia 24 para formar o novo diretório do PMDB no estado. Eles se reuniram no final da tarde de ontem e redigiram uma nota conjunta, na qual anunciam a decisão.

Nela, os três explicam que o gesto foi motivado pela decepção com os rumos tomados pelo "PMDB que ajudamos a construir", que, em 1985, começou a ter

seus princípios originais "desvirtuados" pelo "inchaço oportunista" e o "exercício do poder". A nota cita como reflexo disso o envolvimento de vários deputados do PMDB com o "Centrão", grupo suprapartidário conservador na Assembléia Nacional Constituinte. Fala de políticos que estão "usurpando o discurso do nosso PMDB" e menciona duas vezes o senador Mário Covas, líder do partido no Senado, e sua "resistência".

A nota manifesta apoio ao senador e aos "que sustentam os princípios originais do partido", mas não fala em rompimento definitivo com o PMDB.

clides Scalco e a maioria dos parlamentares do grupo "histórico". O senador Mário Covas pode ser incluído entre os que pretendem sair do partido, mas tem confidenciado aos parlamentares com quem mantém relacionamento mais estreito que não pode tomar decisões enquanto for líder do partido na Constituinte, e que desses trabalhos dependeria ainda sua permanência na liderança. O senador José Richa é o que primeiro pode decidir pela saída.

Covas continua afirmando que, se sair do partido, só avisa quando já se tiver desligado. Sem espaços em São Paulo, no entanto, Covas aconselhou a parlamentares e políticos mais

próximos que o procuraram, que não participassem das eleições para renovação do diretório regional, que estão marcadas para o dia 8 de maio. "Não gostei da forma como se realizaram as eleições para os diretórios municipais", explicou o senador. Muitos deputados, porém, admitem, em confidência, que a atitude de Covas, mais do que um protesto pela utilização da máquina quercista nas eleições, significa uma sinalização a seu grupo mais chegado de que o caminho mais próximo dentro do PMDB é o de saída.

"Este partido só decola se tiver como imã o lançamento de uma candidatura à Presidência da República", pregava ontem o deputado Ronaldo Cezar Coelho (PMDB-RJ), um dos que assinaram o manifesto, mas não pensa em sair do PMDB, pelo menos por enquanto. Outros parlamentares afirmam que esse candidato é Mário Covas, mesmo que ele tenha admitido, em São Paulo, ser candidato ao governo paulista.

Candidato a governador, o aspecto regional será determinante para que Mário Covas ingresse em nova sigla, pois, sem espaços no estado, não tem como disputar com o candidato ao governo de Orestes Quércia, seu vice, Almino Affonso. O novo partido também servirá de abrigo para muitos candidatos dissidentes em seus estados que não encontram apoio para candidatar-se às prefeituras, neste ano, junto aos governadores.

Por isso, o deputado Pimenta da Veiga, que já saiu do PMDB, acredita que o novo partido tenha de ficar pronto para concorrer às eleições municipais deste ano. Em reunião, na semana passada, o grupo "histórico" criou uma comissão para verificar os aspectos legais para participar dessas eleições.

O novo partido entraria, assim, nas brechas deixadas pela extinção da sublegenda, abrigando candidatos dissidentes que não obtêm apoio da máquina estadual e municipal. Em Minas, concorreria à prefeitura, contra o candidato do governador Newton Cardoso, o deputado Pimenta da Veiga. Em São Paulo, onde Quércia apoia Oswaldo Leiva, poderia concorrer, por outro partido, o deputado José Serra, que deverá seguir os "históricos" na formação de outra sigla.

No Espírito Santo, o novo partido teria de abrigar uma das duas candidaturas postas pelo PMDB, a da deputada Rose de Freitas ou a da deputada Rita Camata. Em Pernambuco, o deputado Fernando Lyra quer concorrer à prefeitura contra o candidato que o Miguel Arraes apoiar.

Nem todos os estados, porém, romperiam facilmente com o PMDB, por estar em situações peculiares. No Paraná, por exemplo, o presidente regional do partido e candidato do PMDB à prefeitura de Curitiba, o deputado Maurício Fruet, detém, com seu grupo, a hegemonia dentro da sigla.